

ÍNDIOS

ABANDONO

O ocaso do guerreiro

Depois de conhecer a fama e chegar ao Congresso, o cacique Mário Juruna vive dias de ostracismo

Mário Juruna foi o primeiro índio eleito para o Congresso Nacional. Líder do povo xavante, chegou a Brasília no começo dos anos 70 para denunciar o descaso dos governos militares com a causa indígena. Cansado de ouvir promessas, passou a freqüentar os gabinetes da capital com um gravador. A autoridade que mentis-se tinha a conversa divulgada para a imprensa. O povo gostou do estilo e o elegeu deputado federal pelo PDT em 1982. Quase 20 anos depois, ele não passa de um fantasma da figura que mudou o perfil da luta pelo direito dos índios.

Preso a uma cadeira de rodas há dois anos por conta de uma osteoporose, Juruna mora em Guará, cidade-satélite de Brasília. Dorme na sala, numa cama perto da janela. Os quatro quartos são ocupados por alguns dos 12 filhos, 30 netos e quatro bisnetos. A população é flutuante. Dependendo do dia, o número de moradores varia de 15 a 25 pessoas, entre parentes

e amigos da aldeia em Barra do Garças, em Mato Grosso.

O sono é irregular. Juruna acorda várias vezes à noite e não consegue descansar durante o dia por causa das crianças, que correm pela casa o tempo inteiro. Seu único rendimento é um salário de R\$ 3 mil pago pelo PDT. Com o dinheiro, sustenta a família e quem aparecer por lá. Até o fim do ano, a Funai pretende lançar um livro sobre a vida do cacique. Juruna receberá os direitos autorais da publicação. Hoje, sonha apenas com esse reforço na renda. ■

CARLOS ALBERTO JR., DE BRASÍLIA

Glaucio Detimar/ÉPOCA



A. Dorghem/AJB

APOGEU E QUEDA Com o gravador a tiracolo, Juruna exigia o cumprimento de promessas. Inspirou até personagens de TV. Hoje, vive esquecido em uma cadeira de rodas

ENTREVISTA

Rotina de decepções

Desiludido com a política, o ex-deputado sente-se solitário

Aos 58 anos, Mário Juruna vive amargurado. Separado da segunda mulher, quase não sai de casa. Não ouve rádio nem lê jornais. A alimentação tem de ser controlada por causa do diabetes. Recorre a duas doses diárias de analgésicos para suportar a dor nas pernas causada pela osteoporose. Antes de deitar, gosta de assistir à novela *Porto dos Milagres*. É fã do ator Marcos Palmeira. "Fui amigo do pai dele, o cineasta Zelito Viana." A seguir, trechos da entrevista com o cacique.

ÉPOCA: O que o senhor fez com as fitas que gravou com as promessas de políticos e ministros?

Mário Juruna: Joguei fora. Fiquei tão chateado com a sujeira da política que resolvi acabar com tudo.

ÉPOCA: Como ex-deputado, o senhor ainda acompanha a política?

Juruna: Muito pouco. Sei que o governo não quer a CPI da Corrupção. E por quê? Só pode ser porque tem o rabo preso.

ÉPOCA: Qual sua avaliação do governo Fernando Henrique?

Juruna: O presidente Fernando Henrique é o gerente dos americanos. Está privatizando tudo e trazendo a miséria ao país. Estudou para ser sociólogo, mas não é patriota. Vive lá no palácio e não quer mais saber dos índios. Mas eu ainda gostaria de encontrá-lo. Fomos companheiros de Congresso e queria que ele me desse uma pensão para eu ter uma renda melhor.

ÉPOCA: O senhor tem muitos filhos e netos, mas está separado há oito anos. Pensa em casar de novo?

Juruna: Mulher está difícil. Não tenho nem namorada. Estou muito solitário. Mas não gosto de falar disso porque começo a ficar triste. Tenho saudade do passado, de quando podia andar. Hoje, ninguém conhece meu sofrimento nem minha luta.